

LIÇÃO 1 – MALTRATADOS, MAS AGRACIADOS

Êxodo 1

PARA ENTENDER A PASSAGEM

1.1-7 *Os antecedentes que levaram aos planos de Faraó.* Os israelitas que entraram no Egito formavam um grupo de setenta homens saudáveis, mas eles se multiplicaram de tal modo que essa terra se encheu com seus descendentes. **1.5 setenta.** Esse grupo de setenta pessoas (Gn 46.8-27) faz alusão às setenta nações de Gn 10. Por ser o povo especial escolhido por Deus, os israelitas incorporaram a esperança do futuro da humanidade. **1.7 aumentaram muito, e se multiplicaram.** Os termos “fecundos”, “multiplicaram” e “a terra se encheu deles” se referem a Gn 1.26-28. Por meio de Israel, o mandato dado à humanidade em Gn 1.28 foi estendido até o dia em que todas as nações receberiam a bênção de Deus. **a terra.** Provavelmente a terra de Gósen, no noroeste do Egito, localizada no uádi Tumilat, no delta, um vale com cerca de 50 a 60 km de extensão (cf. Gn 47.4), embora a área pareça pequena para a quantidade de pessoas envolvidas.

1.8-14 *Fracassa o primeiro plano de Faraó.* A primeira tentativa de Faraó de controlar a multiplicação dos israelitas, pelo aumento do trabalho deles, foi frustrada. **1.8 novo rei.** O começo de uma nova era foi assinalado pela chegada de um novo Faraó. O Faraó em questão pode ter sido Amósis I (c.1552-1527 a.C.), o primeiro rei da 18ª dinastia que expulsou os hicsos, governantes semitas do Egito entre 1720-1580 a.C. Veja “Introdução: Data e ocasião”. **1.9 mais numeroso... do que nós.** A decisão de restringir o crescimento demográfico conduziu, no final, ao êxodo e à derrota do Egito. **1.11 Pitom e Ramessés.** Essas cidades que serviam de celeiros para guardar provisões agrícolas e suprimentos militares localizavam-se na estratégica região do delta. Pitom estava localizada provavelmente na atual Tell er-Ratabah ou Tell el-Maskhuta e Ramessés é identificada como a atual Qantir. Isso aparece cedo demais no ciclo da opressão para ser considerado como obra de Ramessés II (1290-1224 a.C.), o qual é frequentemente identificado com o Faraó do êxodo. Outro Faraó com um reinado de quarenta anos foi Tutmés III (1490-1436 a.C.). Por volta da 19ª dinastia, o termo *Faraó* (“a grande casa”) tornou-se um título real. Anteriormente, havia sido um sinônimo para autoridade governamental. **1.12 tanto mais se multiplicavam... se espalhavam.** Pela capacitação divina, os israelitas eram mais fortes do que os egípcios haviam previsto (veja 1.19).

1.15-21 *Fracassa o segundo plano de Faraó.* A segunda tentativa de Faraó de controlar a multiplicação dos israelitas foi frustrada pelas parteiras hebreias. **1.15 parteiras.** Duas parteiras parece ser um número muito pequeno para servir a uma população tão grande; talvez elas fossem líderes de uma associação. Seus nomes são semitas e o fato de serem tementes a Deus (v. 17) faz com que sejam identificadas como israelitas. **hebreias.** O termo *hebreu* é usado no Antigo Testamento por estrangeiros para identificar os israelitas ou pelos israelitas para se identificarem aos estrangeiros. Ele está, provavelmente, relacionado de maneira direta ao termo egípcio *apiru* e ao babilônio *hab/piru*. Esses termos eram usados para descrever uma classe social de seminômades amplamente disseminada no Oriente Próximo, no segundo milênio, e que representava uma ameaça para a sociedade organizada. Sabe-se que grupos de *habiru* exerciam influência na região quando os israelitas lá entraram em c. 1440 a.C. **1.19** As parteiras elogiaram as mulheres israelitas e desprezaram as egípcias. Deveria haver alguma verdade no que disseram, já que suas declarações foram consideradas verdadeiras; provavelmente, porém, houve algum exagero. **1.20-21** Alguns intérpretes entendem a bênção de Deus como indicando que Deus havia aprovado a mentira delas (v. 19) e relacionam essa ação a At 5.29. Outros, sem aprovar a mentira, argumentam que Deus abençoou-as porque eram tementes a ele (v. 17). De qualquer modo, a segunda e mais elaborada tentativa de Faraó de impedir a multiplicação israelita falhou por causa da ação das parteiras.

Bíblia de Estudo de Genebra

LIÇÃO 4 – O DEUS IMBATÍVEL
Êxodo 6.28–11.10; 12.29-36

PARA ENTENDER A PASSAGEM

6.28 –7.7 Essa seção faz uma revisão e reafirma o chamado de Moisés após a sua hesitação inicial (6.12,30). Moisés e Arão foram chamados especificamente para realizar milagres.

7.1 profeta. O termo significa “alguém que é chamado”. A função de Arão em relação a Moisés demonstra a função de um verdadeiro profeta em relação a Deus.

7.2-5 A explicação teológica das pragas é dada nas cinco primeiras. A obstinação de Faraó vinha dele mesmo (7.22; 8.15,32; 9.7). Na sétima, na oitava e na nona pragas, é dito que Deus endureceu o coração de Faraó (10.1,20,27). Na sexta, a obstinação de Faraó provém dele mesmo (9.35), mas Deus também afirmou ter endurecido o coração de Faraó (10.1). O propósito de Deus não era simplesmente julgar Faraó, mas manifestar o seu poder para salvar o seu povo de tal modo que o seu nome fosse proclamado por toda a terra (9.16; Rm 9.17-18).

7.3 endurecerei o coração de Faraó. O termo “coração” se refere ao interior da pessoa — sentimentos, pensamentos e vontade. Alguns intérpretes sugerem que o Senhor levou o coração de Faraó a se endurecer (lit. “ser difícil”), por tê-lo entregue à sua própria maldade sem qualquer restrição (Rm 1.24,26,28). Outros determinam a Deus um papel de certo modo mais ativo, argumentando que, na verdade, ele tirou de Faraó a capacidade de escolher o que era visivelmente bom (Rm 9.19-22), da mesma maneira que ele tirou de todo o povo a capacidade de realizar boas ações após a queda do ser humano. Nenhum dos pontos de vista atribui maldade a Deus e ambos reconhecem o endurecimento do coração de Faraó como sendo o julgamento de Deus contra ele pela sua maldade anterior. Como resultado do julgamento, os israelitas experimentaram a misericórdia de Deus e testemunharam o seu poder de salvação. **multiplicarei.** Ou “para que eu possa multiplicar”. **sinais... maravilhas.** Veja *Confissão de Fé de Westminster* 5.6.

7.6 Esse resumo completa a afirmação formal de Moisés e Arão como aqueles divinamente escolhidos para libertar o povo de Israel por meio das pragas miraculosas.

7.8—12.30 *As pragas miraculosas.* O relato das pragas no Egito começa com um milagre inicial diante de Faraó (7.8-13), é seguido por uma série de nove pragas (7.14—10.29) e culmina com a devastadora praga da noite de Páscoa (11.1—12.30).

7.8-13 Moisés e Arão realizaram o primeiro milagre que confrontou diretamente a autoridade de Faraó.

7.9 serpente. A palavra aqui (diferentemente da palavra para designar “serpente” em 4.3) se refere a um animal marinho ou um monstro fluvial (veja Gn 1.21) ou a um crocodilo (Veja Ez 29.3; 32.2), mas também poderia ser um réptil (Dt 32.33).

7.11 encantadores. O termo se refere a alguém que sabe usar o estilete, indicando, portanto, uma pessoa letrada. Os encantadores egípcios confiavam nos conhecidos truques de magia; Arão confiava no poder divino.

7.13 se endureceu. A forma do verbo indica o estado subsequente do coração de Faraó desse ponto em diante. **como o SENHOR tinha dito.** Veja 4.21; 7.3,22; 8.15,19.

7.14 —10.29 As nove pragas se iniciam no palácio de Faraó por um sinal divino (7.8-13) e se encerram com a praga da morte dos primogênitos (11.1—12.30). As nove pragas se dividem em grupos de três (7.14 — 8.19; 8.20 —9.12; 9.13 —10.29). A primeira praga de cada grupo começa com uma advertência a Faraó dada pela manhã, quando ele ia ao Nilo (7.14-15; 8.20; 9.13). A segunda praga de cada grupo começa com uma advertência dada a Faraó num lugar desconhecido

(8.1; 9.1; 10.1-2). A terceira praga de cada grupo acontece sem advertência (8.16; 9.8; 10.21). A descrição da primeira praga de cada grupo revela o tema dele.

7.14 — 8.19 A primeira das três pragas demonstrou a superioridade absoluta do Senhor sobre Faraó (7.16-17).

7.14 -25 Deus ergueu o seu bordão contra o Nilo, transformando a água em sangue. Os egípcios não se perturbaram com esse sinal e até mesmo o imitaram.

7.14 obstinado. O endurecimento do coração de Faraó era o pré-requisito necessário para a demonstração do poder divino.

7.15 beira do rio. A beira do rio seria o lugar de encontro previsto. Uma teoria de causa natural para as pragas não faz justiça às claras afirmações do texto. Além disso, a lista de pragas em SI 78.44-51; 105.28-36 difere quanto ao número e à ordem, mas a ordem estabelecida aqui é essencial para a explicação naturalista que vê as pragas como acontecimentos naturais ligados à inundação do Nilo.

7.17 ferirei. Arão feriria, mas o Senhor realizaria o milagre. O golpe seria desferido pela mão de Deus por meio do seu bordão. Os atos de Arão eram de Deus tanto quanto a palavra dada a ele por meio de Moisés. **sangue.** A argila vermelha que desce na época da cheia da região montanhosa etíope está fora de questão porque o hebraico não se refere à cor vermelha desse modo.

7.19 águas. Todas as águas naturais do Egito estavam incluídas, até mesmo os braços naturais do Nilo, os canais de irrigação e os lagos formados pela inundação na época da cheia.

8.1-15 Deus ergueu o seu bordão contra as águas, tornando-as cheias de rãs. Novamente o sinal foi imitado e, depois disso, eliminado.

8.2 rãs. As rãs eram deificadas na forma da deusa Hequete, que ajudava as mulheres em trabalho de parto. O tema do enfraquecimento gradual da resistência de Faraó tem início. No entanto, as pragas não tinham o intuito de quebrar a resistência dele (7.3), mas sim de engrandecer o poder de Yahweh.

8.3 abundância. O Nilo produziria rãs em abundância, assim como o delta havia se enchido de israelitas (1.7).

8.7 fizeram aparecer rãs. Novamente, os magos puderam apenas aumentar a aflição. Veja 7.22; 9.11.

8.15 não os ouviu. A mão de Yahweh estava nas pragas para que o povo israelita pudesse crer, e não apenas para que Faraó fosse tocado. E este, ao ser pessoalmente afetado, fez a primeira concessão. Veja *Confissão de Fé de Westminster* 5.6.

8.16-19 Deus ergueu o seu bordão contra o pó da terra, transformando-o numa praga de piolhos.

8.19 o dedo de Deus. Os magos admitiam agora que a intervenção divina estava diretamente envolvida (31.18; SI 8.3), mas Faraó não estava convencido.

8.20 —9.12 O segundo grupo de pragas foi designado primeiramente para demonstrar o amor de Deus pelo seu povo em contraste com o duro tratamento dado aos seus inimigos, os egípcios (8.22).

8.20-32 O bordão de Deus trouxe a praga das moscas ao Egito, poupando o seu povo e instigando o engano de Faraó.

8.21 enxames. Essa palavra aparece somente aqui e em SI 78.45; 105.31.

8.25 Diante da praga das moscas, Faraó se dispôs a negociar, concordando com menos do que o Senhor exigia. Moisés se recusou a fazer concessões: ele não adoraria no Egito (e nem faria uma jornada de menos de três dias; v. 28) nem deixaria para trás as mulheres e as crianças (10.11) ou os seus rebanhos de ovelhas e gado (10.24).

8.26 abomináveis. Os egípcios adoravam os animais normalmente sacrificados pelos israelitas.

8.32 Veja *Confissão de Fé de Westminster* 5.6.

9.1-7 O bordão de Deus levou a praga da peste aos rebanhos egípcios, mas não aos pertencentes ao povo de Israel.

9.3 mão do SENHOR. O relato bíblico não permite uma explicação naturalista; por exemplo, antraz, devido às rãs mortas. **cavalos.** O cavalo foi levado ao Egito pelos hicsos por volta de 1700 a.C. **camelos.** O camelo, usado esporadicamente no antigo Egito, somente teve o seu uso generalizado bem mais tarde. Talvez os camelos usados pelos mercadores da Arábia e de outros lugares sejam os mencionados aqui.

9.5 certo tempo. Está claro que a praga não aconteceu por acaso. **Amanhã.** O dia marcado pelo Senhor sugere que ele estava dando tempo para que os egípcios tementes a ele colocassem os seus rebanhos em abrigos (cf. vs. 18-19).

9.6 todo o rebanho. Uma vez que a praga seguinte também afetou o gado, essa frase deve se referir a toda a espécie de gado ou a todo o gado mencionado no v. 3; ou seja, todo o que se achava no campo. Compare com os vs. 18-19.

9.8-12 O bordão de Deus levou a praga das úlceras ao Egito.

9.8 mãos cheias. Talvez fosse para ser lançado um punhado na direção de cada ponto cardeal. Isso foi feito na frente de Faraó para que ele visse que o acontecimento era sobrenatural.

9.11 magos. A derrota dos magos foi clara desde o começo, quando o bordão de Arão, transformado em serpente, devorou as serpentes produzidas por eles (7.12). Os magos foram capazes de imitar a transformação da água em sangue e a produção de rãs, mas só puderam aumentar as pragas, não revertê-las (7.22; 8.7). Quando não puderam imitar a produção dos piolhos, disseram a Faraó que as pragas eram julgamento divino e não mágica (8.18-19). Por fim, os magos foram atacados por tumores e saíram de cena (9.11).

9.13—10.29 O terceiro grupo de pragas foi enviado para mostrar que, em qualquer momento, Deus poderia ter destruído completamente o Egito, mas que havia retido a sua fúria por causa da sua misericórdia (9.15-16).

9.13-35 Deus ergueu seu bordão contra o Egito e enviou uma chuva de pedras, mas novamente poupou os israelitas.

9.14 As pragas (lit. “golpes”) mostraram o poder da mão de Deus em castigar o Egito (3.20; 7.25; 12.13). As três últimas caíram quando o bordão do Senhor foi estendido para o céu (v. 22), sobre a terra (10.13) e para o céu novamente (10.21).

9.20-21 Alguns oficiais egípcios aprenderam a temer a palavra de Deus. Veja 10.7.

9.23 trovões. Literalmente, “vozes”. Não foi uma chuva de pedras natural.

9.25 quebrou todas as árvores. A destruição das árvores nos remete à teofania relatada em Sl 29.

9.27 Esta vez. Denota a superficialidade da confissão de Faraó. Embora não acreditando no suposto arrependimento de Faraó, Moisés usou a ocasião para mostrar o poder de Deus sobre a terra, fazendo cessar a chuva. **pequei.** Faraó confessou a sua culpa pela primeira vez, mas a sua declaração literal foi apenas “eu errei o modo”.

9.31-32 em flor... ainda não haviam nascido. Essa informação parece marcar janeiro-fevereiro, período em que as chuvas de pedra são frequentes no Egito. O linho estava em botão em janeiro e a cevada que estava na espiga nessa época seria colhida em fevereiro.

10.1-20 Deus enviou a praga dos gafanhotos para o Egito.

10.1 lhe endureci o coração. Somente nessa narrativa, o desejo de Faraó foi contrariado quatro vezes (vs. 8,10-11,16-17,20).

10.2 contes. As pragas tinham a finalidade de ensinar ao povo de Israel e deixar uma impressão indelével sobre a sua posteridade. Esse versículo é uma clara afirmação do plano divino que envolvia Faraó.

10.9 festa. A exigência de Moisés era que a permissão ao povo de Israel para adorar fosse total e irrestrita.

10.11 somente vós, os homens. Somente homens adultos eram indispensáveis nas festas posteriores de Israel (23.17; 34.23). Observe o sarcasmo no v. 10.

10.12-15 Gósen estava presumivelmente isenta.

10.16 se apressou. A ação de Faraó destaca o perigo que o Egito corria. **Pequei.** Faraó declarou a sua culpa diante de Deus, de Moisés e de Arão. A atitude de Faraó foi de pânico e conciliação.

10.21-29 Deus enviou as trevas sobre o Egito, mas novamente poupou os israelitas.

10.22 trevas espessas. Está evidente que essas trevas eram mais do que uma tempestade de areia ou um eclipse do sol. Elas eram trevas sobrenaturais, como aquelas geralmente associadas ao Dia do Senhor no Antigo Testamento (Is 8.22; 58.10; Jl 2.2; Am 5.20; Sf 1.15; cf. Dt 28.29).

11.1—12.41 A última praga, a da morte dos primogênitos, repete o primeiro milagre que terminou com a morte das serpentes produzidas pelos magos (7.8-13). Essa última praga resultou na libertação do povo de Israel.

11.1-3 Foi dito a Israel para saquear o Egito (veja 12.23-40).

11.1 praga. Essa palavra (lit. “golpe”, isto é, “um nocaute”), um termo diferente para “praga”, que ocorre apenas aqui em Êxodo.

11.2 Fala, agora. Traduzido literalmente. Essa enfática fórmula hebraica é encontrada no Antigo Testamento apenas quatro vezes quando Deus fala com um ser humano; todas as vezes se refere a algo que desafia ou transcende o entendimento humano (Gn 13.14; 15.5; 22.2).

11.3 fez... favor. Todas as quatro versões dessa narrativa (3.21-22; 11.2-3; 12.35-36; Sl 105.36-38) enfatizam que os egípcios alegremente deram presentes aos israelitas por causa da intervenção do Senhor.

11.4-10 Moisés anunciou a última praga que viria sobre o Egito: a morte dos primogênitos.

11.5 mó. A moagem do trigo era um trabalho inferior feito por escravos e prisioneiros de guerra.

11.9 disse o SENHOR. Os vs. 9-10 resumem e concluem os relatos sobre as pragas.

12.1-51 Veja *Catecismo Maior* 162; *Breve Catecismo* 92.

12.1-28 O Senhor instituiu a Páscoa.

12.2 O primeiro mês do ano hebraico é abibe (março-abril) no calendário da primavera. Talvez 12.2 registre a instituição desse novo calendário religioso que se originou com o êxodo. Abibe é o primeiro mês porque comemora a libertação de Israel. Um calendário de outono é verificado em 23.16; 34.22. No posterior calendário babilônico (com base na primavera), o mês de abibe é chamado nisã (Ne 2.1; Et 3.7).

12.5 sem defeito, macho. Como os sacrifícios de Israel (p. ex., Lv 1.3), o cordeiro da Páscoa deveria ser simbolicamente perfeito. Uma vez que o cordeiro morreria em lugar do primogênito, a substituição era a chave do simbolismo.

12.6 Dt 16.6 situa o sacrifício ao pôr do sol. O ato marcava o início da Páscoa. Veja *Confissão Belga* 21.

12.7 sangue. O sangue simbolizava a morte de uma vítima e, portanto, a morte do cordeiro era substitutiva (Lv 17.11).

12.8 assada. Assar eliminaria a gordura e não necessitaria de água. As ervas amargas estavam associadas ao sofrimento (Lm 3.15). **pães asmos.** Ou, mais provavelmente, sem levedura. O fermento não era amplamente disponível, exceto como uma ocorrência orgânica natural de fermentação. A levedura era uma porção da massa do dia anterior guardada sem assar, permitindo a sua fermentação. Ela era acrescentada à massa fresca para acrescentar a levedura à massa toda. Esses pães deveriam ser comidos para lembrar a pressa durante o êxodo.

12.11 Páscoa do SENHOR. A Páscoa é a mais antiga festa judaica e era celebrada ao crepúsculo do décimo quarto dia do primeiro mês (v. 6), por sete dias sucessivos (do décimo quinto ao vigésimo primeiro dia). No décimo dia do primeiro mês, cada família separava de seus rebanhos um animal macho sem defeito (normalmente um cordeiro) de até um ano. Esses animais seriam sacrificados ao crepúsculo do décimo quarto dia (v. 6). No relato do êxodo, um ramo de hissopo mergulhado no sangue foi usado para aspergir as laterais e o alto dos batentes das portas de cada casa. O animal deveria ser assado inteiro, sem que se quebrasse nenhum osso, e deveria ser comido rapidamente com ervas amargas e pães asmos. Posteriormente, os participantes deveriam se vestir como se fossem viajar, de modo a celebrar a saída apressada do Egito na noite em que o Senhor derrotou os deuses egípcios. O que não tivesse sido comido deveria ser queimado. A Festa dos Pães Asmos durava sete dias, tendo início no décimo quinto dia do mês. A Páscoa era a época em que o chefe da família explicava o significado da festa às crianças. Mais tarde, o acréscimo de uma segunda, ou menor, Páscoa foi feito (Nm 9.1-14) para que ela fosse celebrada um mês depois pelos membros da comunidade que tivessem perdido a festa inicial. O Novo Testamento estabelece uma conexão redentora direta entre esse episódio e a morte de Jesus, o verdadeiro Cordeiro pascal, que foi sacrificado por nós (1Co 5.7). Veja CH 78.

12.12 primogênitos. Os primogênitos tinham o direito à herança. Nenhuma simples epidemia ou perda de vidas poderia ter sido tão seletiva. **12.13 sinal.** Essa é a única vez que a simbologia para o uso do sangue é explicada no Antigo Testamento. Veja *Confissão Belga* 33; CH 78.

12.14 Este dia. Ou seja, o dia do êxodo. Essa regra deve ter sido fixada tendo em vista uma observância posterior, pois, na primeira Páscoa, o décimo quarto e o décimo quinto dias tinham sido gastos com a fuga.

12.15 fermento. Veja *Catecismo Maior* 171.

12.19 eliminado da congregação de Israel. Isso indica exclusão física do acampamento, o que significaria a morte. Esperava-se que estrangeiros e não israelitas nascidos entre o povo observassem as leis.

12.22 hissopo. O hissopo era uma espécie de manjerona usada para purificação (Lv 14.4-6; Nm 19.6,18; Sl 51.7). A rica textura dos ramos e das folhas podia reter a quantidade de sangue necessária para a aspersão. **bacia.** A palavra pode também significar a soleira da porta, onde o sangue seria recolhido numa cavidade. O sangue a ser aspergido era nitidamente protetor e impediria a destruição do lugar.

12.26 vossos filhos vos perguntarem. Esse mandamento ainda é observado entre os judeus de hoje. O filho mais novo faz a pergunta e os acontecimentos do êxodo são então contados.

12.29-30 O Senhor matou os primogênitos do Egito, tanto homens quanto animais.

12.31-41 *A conclusão do chamado.* Moisés e Arão completaram a tarefa a que haviam sido chamados para libertar o povo de Israel por meio das pragas miraculosas (veja 6.13–7.7).

12.31 Levantai-vos... ide, servi. A ordem tríplice enfatiza a urgência de Faraó, que admitiu a sua derrota.

12.32 abençoai-me. A bênção pedida era provavelmente para reverter a terrível maldição que havia devastado a terra.

12.36 encontrasse favor. Cumpre 11.1-3.

Bíblia de Estudo de Genebra